



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Ulysses Geremia FG172

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.003.SIN e TRA

Entrevistado/a: Ulysses Geremia

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 23 de maio de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Giacomo Geremia: origem e procedência familiar (Padova - Itália); a vida na Itália; a imigração para o Brasil (motivos); o estabelecimento em Antônio Prado; a saída de Antônio Prado; o trabalho em Porto Alegre; a saída de Porto Alegre; o aprendizado do ofício de fotógrafo; o casamento; o estabelecimento em Caxias do Sul; o trabalho como fotógrafo.

Fatores da imigração italiana no século XIX: a divisão da Itália; o Unificação Italiana; a situação social da Itália.

Administração Celeste Gobbato: o remodelamento da Praça Dante Alighieri; a construção da Hidráulica Borges de Medeiros e o abastecimento de água potável; a reação da população com o fechamento dos poços; o episódio Miranda Neto.

Transcrição:

Sônia: Então, seu Ulysses, o seu nome completo?

Ulysses: É Ulysses Geremia.

Sônia: A data do seu nascimento?

Ulysses: O nascimento em onze, digo, dia dois de novembro de 1911.

Sônia: Seu Ulysses, o nome dos seus pais?

Ulysses: Dos meus pais era Giacomo Geremia e Ida Zaccara Geremia.

Sônia: Eles vieram da Itália?

Ulysses: Não, a minha mãe não, ela nasceu aqui em Bagé. Há uma coisa que pouca gente sabe, que os imigrantes primários, primeiros vieram por via Porto Alegre, não é, São Sebastião do Caí e, enquanto que na fronteira, desde de Santa Vitória até Itaqui, existe uma quantidade enorme de nomes itálicos e esses, naturalmente, vieram por via Montevidéu. Gente de melhor possibilidade econômica, viajaram e se estabeleceram muitos na própria fronteira. Na fronteira: Uruguaiana, Bagé, Santa Vitória, enfim, todos esses lugares que estão na fronteira com o Uruguai estão cheio de nomes itálicos.

Sônia: E o seu pai, então, veio da Itália?

Ulysses: Veio da Itália, mas veio junto com a imigração via São Sebastião.

Sônia: De que região ele era, seu Ulysses?

Ulysses: Era de Padova. Uma cidadezinha perto de Padova, que se chamava *San Martino di Lupari*. Eles eram agricultores lá também. Naturalmente, é que pouca gente sabe, porque eu fui, como outros, uma centena de caxienses que foram educados no Dante Alighieri, em Porto Alegre. Lá se estudava história, ao mesmo tempo se estudava também o português – a história italiana, gramatical italiano e o próprio português – e tinha professores muito bem especializados nisso. E nós aprendemos que o Vêneto e o Trento, que estavam sob a custódia, estava sob a... Como é que se diz?, do Império Austro-húngaro, estavam anexados, porque a Itália era toda dividida em frações, em ducados, pequenas repúblicas. E foi aí que Cavour, que era o primeiro ministro do Piemonte, resolveu unificar a Itália, devagarzinho, política e, também por via militar. Então, foi ali que ele pediu auxílio de Napoleão Bonaparte para que expulsasse os austríacos do Vêneto. Naturalmente que havia uma compensação, enquanto que a França ajudando desta maneira, requereu Nice, Savóia, são cidades ali do Mediterrâneo, e mais a Córsega, a Ilha, que até hoje é francesa e estas cidades são francesas, em virtude do auxílio militar que a França prestou para expulsar os...

Sônia: Os austríacos?

Ulysses: É, os austríacos. Mas, a Áustria era um país, era um império muito forte, muito grande e aconteceu uma coisa que, realmente, conseguiram a liberdade, o Vêneto. Mas eu pergunto? Uma das causas, uma de tantas outras causas, esse povo, que era agrícola, onde é que iam vender o trigo, o milho, os cavalos? O meu pai dizia que os avós, que os pais dele criavam cavalos e iam vender em Viena, e já falavam bastante bem o alemão, porque se habituaram ao ambiente, ao meio, que a soldadesca austríaca estava presente sempre, né? Então, será uma das razões que levou essa gente a imigrar e, foi quando Dom Pedro II, o governo de Dom Pedro II fez um acordo com o novo governo italiano para que houvesse uma corrente imigratória para o Rio Grande aqui, outro lugar que fosse,

não sei, do Brasil. Quer dizer que foi um contrato de governo para governo. Mas, esta gente que veio, naturalmente habituada à Europa, aqui foi muito diferente. Eles encontraram, pode-se dizer, a selva aqui. Era a selvageria, como se diz, um mato puro, tudo para se fazer, para se habitar, não é? Então, coube aos meus avós, nas ribanceiras lá do Rio das Antas, uma colônia, como todos os demais tiveram aqui, quando chegaram. Então, meu pai, com doze anos, disse para o irmão: “Tu cuida dos velhos aqui, porque eu aqui não fico” e a pé ele foi até São Sebastião [do Caí] pelo mato. Com doze anos...

Sônia: Isso em que época mais ou menos?

Ulysses: ... para ir a Porto Alegre, onde ele aprendeu a torneiar, que era moda fazer os móveis torneados. Ali que depois, mais tarde, quando moço, ele adoeceu muito e na época, os médicos daquela época, enfim, disseram: “Olha, você precisa o ar da serra!”. Foi por isso que ele, então, se bandeou por Vacaria, Antônio Prado, onde tinha a gente dele e, que eram mais prósperas do que Caxias, naquela época. Principalmente Vacaria, que é do tempo do Império ainda, não é? E ali que ele conheceu um italiano e ele disse: “Tu quer aprender fotografia?” e, realmente, o velho, em pouco tempo, já sabia mais do que o próprio professor, o velhinho esse que o ensinou fotografia. Mesmo, eu perguntei muitas vezes a ele: “Como é que o senhor, com sua inteligência e capacidade, foi escolher a fotografia?”, “Porque, naquela época, era a coisa mais difícil”. Era a coisa mais difícil preparar o material, que ele mesmo preparava, para fotografar, era uma coisa muito complexa. Então, foi ali que ele aprendeu e, mais tarde, quando ele casou com a minha mãe em Antônio Prado, ele veio para Caxias. E, aqui, quase que ele nem queria ficais mais, porque era um ambiente de muito barro, diz ele: “Eu vou para Veranópolis”, que naquele tempo o nome era Alfredo Chaves. E, quando foi que os amigos dele pediram, encarecidamente, que ficasse aqui, que tivesse paciência e etc. Foi aí que, então, propôs a derrubar as barracas, que eram as casas de madeira e construir essa construção, que até hoje está ali e, ao lado, tinha a Farmácia do D’Arrigo que, também, foi feita na mesma ocasião pelo velho Segalla [construtor], o velho, o antigo Segalla.

Sônia: E o que ele falava, mais especificamente de Caxias nessa época, seu Ulysses?

Ulysses: Que estava tudo para se fazer. O que eu te falo de Caxias de 1905, 1910? Aqui a prefeitura era tudo na base da picareta e do carrinho de mão, não havia máquinas pra abrir as ruas. Caxias é muito acidentada, não temos planície nenhuma, foi uma dificuldade nascer Caxias no meio, no meio desse ambiente todo, que a natureza não foi muito pródiga, não é? E hoje é essa cidade! Quando veio a estrada de ferro, então ela progrediu muito mais e deixou para trás Antônio Prado e Alfredo Chaves, porque a estrada de ferro trouxe o progresso.

Sônia: Seu Ulysses, que memória o senhor tem do centro da cidade quando era criança?

Ulysses: Ah, era uma comunidade pequena, eu me lembro, eu era, como se diz, de calça curta, e nascemos aqui e nos habituamos ao ambiente de Caxias e que tudo parecia uma comunidade muito especial. Havia só vinte e cinco mil ou trinta mil habitantes naquela época, nem isso. Ao ponto que, quando falecia uma personagem, uma pessoa, o sino replicavam, tocavam bastante e levava-se o cadáver no caixão até a igreja, a encomenda, afinal, o padre fazia lá as suas rezas dentro da Catedral [Santa Teresa], da igreja esta que está ali, que eu conheci só esta; antes, a de madeira, eu não conheci.

Sônia: E o Rio Tega, que o senhor fala que vocês iam fazer piqueniques, como era?

Ulysses: Pois é, pois é! O Rio [Arroio] Tega era um rio que parecia um conto de fadas. Era um rio de água limpa, cristalina e nós íamos pescar os caranguejos. Os caranguejos não poderiam viver jamais nesta época, que aquilo lá está um lodo, é um esgoto da cidade. Infelizmente, até agora, não fizeram, a municipalidade, as autoridades, enfim, não fizeram uma possibilidade de desviar os esgotos para outro sistema, um sistema mais moderno, sem necessidade de matar um rio, de fazer morrer o rio, que era tão, tão bonitinho naquele tempo.

Sônia: E ele passava assim em toda a cidade?

Ulysses: Sim. Tinha até casas de banhos, casas de banho. Era a água tão limpa, tão perfeita, que recomendava... Bah, era de se ver! As árvores se inclinavam na beira do riacho, parecia um conto de fadas, enfim. Era uma beleza de ver o riozinho. Nós escapávamos dos pais pra ir até lá, parecia tão longe e, sabe, era difícil para chegar até lá, para nós, pequenos, crianças, não é? E assim se foi. Porque Caxias, realmente, ela nasceu no lado da Caipora, que se chamava Caipora naquele tempo. Era aí onde está o [Recreio] Guarany, mais ou menos. Mas, depois, quando veio a estrada de ferro, o pessoal começou, então, habitar mais para o centro, mais perto da estrada de ferro. De modo que, foi essa razão que Caxias também cresceu para este lado [oeste].

Sônia: E as suas brincadeiras de infância, seu Ulysses?

Ulysses: Ai as nossas..., nós jogávamos futebol na rua, porque não havia automóveis naquele tempo. Havia sim, as casas de negócios, qualquer uma que seja, eles tinham um ferro, que os compradores, principalmente os colonos, eles vinham com os burros, com os cavalos e amarravam o cavalo neste ferro. Então, era comum que todas as farmácias, por exemplo, as casas de negócios, tinham um ferro na beira da calçada e ali se amarrava o animal. Esta é a única razão que hoje nem tem ferro, não tem mais nada porque temos tudo automóvel, ver as dificuldade para nós chegarmos até aqui [Rádio São Francisco]. É um trânsito constante e que não permite se safar de uma maneira mais rápida pra chegar até aqui na Rádio São Francisco, é muito movimento. O automóvel cresceu

de uma maneira..., eu não sei futuramente como vai ficar Caxias. Nós só temos duas ou três ruas de ida e volta. São estradas assim em forma periférica, assim de uma maneira que tem uma que vai e outra que vem, mas temos só três. Porque o centro, a Praça [Dante Alighieri], fizeram ali uma interrupção, então se faz tudo pelo asfalto via [Metalúrgica Abramo] Eberle e vai se embora. E na volta, pela [rua] Os Dezoito do Forte. Então há um congestionamento cada vez maior, e maior quantidade de automóvel se faz sentir todo o mês, todo ano.

Sônia: Seu Ulysses, o senhor teria mais alguma coisa para falar dessa época?

Ulysses: O que vai se falar? Que não havia ladrões, que não havia, que se podia deixar as portas abertas, que não havia possibilidade de que alguém pudesse usufruir, de roubar alguma coisa porque estavam abertas as portas, isso não. Tanto é que as ferragens, por exemplo, que eu conheci a Ferragem Benetti, onde está hoje a Ótica, digo, a Relojoaria Beretta, eles guardavam as folhas de zinco encostadas na calçada, encostadas ao edifício, a casa. E o arame, liso, o arame farpado, também, na calçada. Não havia ninguém que se aproveitasse dessa situação. Hoje, levaria até a casa, se fosse preciso, não é? Não, não, não basta que hoje nem se pode sair de noite, que podemos ser até assaltados, coisa que naquela [época] não havia. Não havia ladrões, não havia essa coisa tão desagradável de... Mesmo, ônibus não tinha, não tínhamos nada. Era tudo a pé ou a cavalo que se fazia, ou carrinhos. Eu me lembro que ali, na praça, havia, a praça era murada, tinha muros ao redor. Mas ali perto também, onde tinha a prefeitura, que hoje é o centro de cultura [Casa da Cultura Percy Vargas de Abreu e Lima], havia um estacionamento de carros puxados com dois cavalos. Não sei o nome típico das...

Sônia: Diligências, seria?

Ulysses: Não sei. De modo que a gente, para ir num determinado lugar muito longe, se alugava como fosse um táxi, cavalos, tanto com toldo arreado, como toldo fechado, como a gente quisesse. Nada mais tenho a acrescentar, porque eu acho que disse bastante sobre a nossa cidade. Que foi depois, mais tarde, quando veio o Dr. [Celeste] Gobbato como prefeito, foi um dos prefeitos que moveu Caxias. A primeira coisa que ele fez, ele mandou fechar os poços, que cada casa tinha o lote e tinha um poço. “Mas essa água é limpa, bonita, transparente, fresca”, mas perto dela tinha uma latrina, de modo que o tifo era endêmico aqui. Foi o primeiro ato, esses filtros, esses tanques que estão lá em cima, foi no tempo, e são os mesmos que foram feitos naquela época, para filtrar a água potável, não é? E foi uma luta porque ninguém, o pessoal daqui ficou contrariado, porque como é que eles iam fechar os poços, que tinha uma água tão boa? Mas eles não sabiam que ela estava contaminada, com certeza. Mas o Dr. Gobbato, que tinha curso superior, era um enólogo, que foi contratado pelo governo para dirigir a Estação Experimental [de Viticultura e Enologia], e o povo

achou que ele deveria ser prefeito, porque era uma pessoa bastante inteligente e capaz, era um homem trabalhador, merecia todos os méritos como prefeito. E ele foi um que, por exemplo, que fundou o Parque Cinquentenário e na avenida ele já queria estabelecer, porque naquele tempo o prefeito era um pouco de tudo, era o secretário de obras, ele ia verificar onde tinha, não havia mesmo secretários e toda essa burocracia para que pudesse resolver os problemas da cidade. Ela era pequena também a cidade, não merecia que tivéssemos um batalhão de secretários para cada caso, não é? Interessante que ele chamou um engenheiro, porque não havia arquiteto naquele tempo lá, um engenheiro. Eu era menino, mas ajudava o meu pai a levar aquelas máquinas pesadas, naquela época, e o Dr. Gobbato pediu para que fotografasse os tanques, não é? Então, essa pessoa, esse engenheiro era parente dos Laner, dos Leonardelli, Spinatto, mas era um rapaz novo, eu me lembro que ele era moço e se chamava Miranda Neto, mais tarde, de engenheiro passou a ser professor de arquitetura no Rio [de Janeiro], na faculdade de lá. Imagina a inteligência deste homem, que falava sete, oito línguas perfeitamente e também, nós assistimos uma coisa muito interessante, naquela época não havia rádio, nem televisão, então, as [irmãs Lina e Dina] Braghirolli, que eram umas moças, eram vizinhas nossas, faziam os saraus, como se diz, de noite, aquela..., no piano, no violino, etc., faziam verdadeiras belezas de música. Então, esse Miranda Neto, eu me lembro, eu era guri, eu me escondia lá num cantinho, ele sentava e tocava coisas eruditas, só música erudita, era de uma facilidade extraordinária. E foi assim.

Sônia: Ele foi contratado pelo seu Gobbato, então?

Ulysses: O Dr. Gobbato foi o engenheiro que construiu aquilo lá. Tanto é que tem uma passagem muito interessante, porque o povo ainda estava muito aborrecido com aquela história de mandar fechar os poços, sabe?, e então, esse Miranda Neto, num dia quente de verão disse para o meu pai “Eu vou tomar um banho aqui nesses tanques”. E tirou, ficou de cueca e deu uns mergulhos. Foi a gota d’água! Aí então aquele pessoal, souberam, fizeram uma manifestação, foram na frente do Hotel Menegotto protestando que “o homem tomou banho na água que nós vamos beber”. É uma coisa, sabe, a ignorância, não é? Porque a água ainda precisava ser filtrada. E o Dr. Miranda Neto, engenheiro, teve que pegar o trem do meio-dia para ir embora porque a pressão foi muito forte.

Sônia: Não pôde ficar na cidade?

Ulysses: Não pôde! Fizeram uma pressão que ele teve que embarcar, teve que ir embora.

Sônia: Então está, seu Ulysses...

Ulysses: Eu acho que eu cumpri uma informação, como qualquer outra pessoa podia ter dado...

Sônia: Mas o senhor viveu isso, né? O senhor viu, o senhor é uma testemunha e um protagonista.

Ulysses: Tudo o que eu sei é isto. Podia me estender muito mais sobre Caxias, mas eu acho que isso foi o principal.

Sônia: É só de um período por enquanto, depois a gente vai voltar a falar de novo com o senhor.

Ulysses: Como vocês querem.

Sônia: Porque a gente está dividindo por tema, seu Ulysses...

Ulysses: Está certo.

Sônia: Eu acho que daí, quando vai falar sobre...

Ulysses: [interrupção], planejou Caxias, a Praça [Dante Alighieri] estava abandonada, porque era um mistério tocar naquela abelheira ali, porque era tudo pedra, era na base do dinamite que foi feito aquilo [rebaixamento]. E naquela ocasião, nós tínhamos um bispo muito inteligente, capaz, que era o Dom José Baréa, que concordou em cortar o leque da escadaria da prefeitura para dar sentido a uma avenida mais larga ali perto da Praça.

Sônia: Mas isso eu acho que a gente deixa para outra vez, não é, seu Ulysses?

Ulysses: É, para outra ocasião.

Transcrição em: 30 de dezembro de 2010.

Por: Sônia Storchi Fries.

Revisão em: 03 de janeiro de 2011, 19 de dezembro de 2024 e 04 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 21 minutos.

Observação: